

Lembranças do Brasil

Entrevista Nelson Mandela

RUTH DE AQUINO

Dos seis dias que passou no Brasil, o líder sul-africano Nelson Mandela, 73 anos, negro e protestante, levou em sua bagagem algumas surpresas. Boas e más. Encantou-se com a comida baiana e com o calor e a musicalidade de negros de todas as religiões reunidos na Praça Castro Alves, em Salvador. Mas descobriu que, no Brasil, existe uma forma velada e perversa de discriminação racial. E nem toda a delicadeza de sua missão - ele veio ao Brasil pedir apoio político e financeiro - foi suficiente para impedi-lo de disparar uma de suas armas favoritas: a sinceridade.

"Está bem claro", afirmou, em entrevista exclusiva a O DIA, "que sociedades com uma história de racismo brutal, como a escravidão no Brasil, não podem esperar que a solução para o legado dessa discriminação venha somente de sua Constituição."

Durante a visita, Mandela não falou pessoalmente a nenhum jornalista brasileiro, à exceção de uma conversa informal com O DIA ao longo de vatapás e frutas-de-conde no Palácio de Ondina. Além de considerar os quitutes afro-baianos "terríveis" (sensacionais) - "uma das razões para que um dia eu volte ao Brasil" -, Mandela, com seu jeito manso, apontou como uma de suas viagens mais importantes a que fez a Londres: uma investida perfeita de diplomacia e de mídia, ao lotar o estádio de Wembley meses depois de deixar a prisão.

Transformado - por força de uma dignidade que sobreviveu a 27 anos de prisão e por obra de um carisma que tem mais a ver com bom senso do que com ardores revolucionários - na maior estrela da política internacional da atualidade, Mandela é do tipo que todo mundo quer não só ver, mas pegar. Em Salvador, recebeu as perguntas de O DIA e entregou as respostas por escrito no Copacabana Palace, no Rio, ao se despedir do Brasil.

- Se o senhor tivesse que escolher, preferiria ser qualificado de líder sul-africano ou líder negro?

- Eu me considero, em primeiro lugar, um líder sul-africano que é negro. Mas também me considero um líder negro por articular as opiniões, as necessidades e as aspirações do povo negro oprimido.

- O senhor acredita que universidades e empresas brasileiras deveriam reservar lugares a negros para reduzir as disparidades sociais entre as raças? Com base em sua experiência, o que o Brasil poderia fazer?

- Uma ação afirmativa (ou seja: uma política ativa de estímulo à integração) é totalmente necessária. Educação é uma das áreas óbvias. Tendo a acreditar que programas de ação afirmativa para os negros devam começar no pré-escolar e no primário e não somente em universidades. Mas, para que isso funcione em esferas como educação, essas medidas precisam ser acompanhadas por um avanço econômico das comunidades mais carentes. A melhoria da qualidade de vida dos carentes assegura o sucesso de programas educacionais.

- Ao dizer que se sentia em casa no Brasil, o senhor estava elogiando ou criticando as semelhanças do Brasil com a África do Sul?

- Quando eu disse que me sentia em casa ao chegar, queria me referir à recepção calorosa dos brasileiros. No entanto, em minhas discussões com governadores e prefeitos, eles levantaram, espontaneamente, a questão do racismo no Brasil. Nós estamos confiantes em que o povo brasileiro, assim como o povo americano conseguiu nos anos 60, vá enfrentar com coragem o problema do racismo no Brasil.

Vidal de Trindade



- Como o senhor explica, depois de quase três décadas de prisão, esta disposição de negociar com tanta serenidade pessoal uma transição pacífica com seus ex-inimigos?

- A questão crucial é que eu fui para a cadeia há 29 anos já disposto a negociar um acordo para os problemas políticos da África do Sul. Agora, que nós estamos conversando com os executores do apartheid, isso significa que alcançamos o que o ANC (Congresso Nacional Africano) queria há 30 anos. Portanto, ódio e recriminações ficariam deslocados agora. Precisamos nos concentrar em nosso maior desafio: transformar um estado racista numa sociedade democrática, não-racial e não-sexista.

- Os anos da prisão ainda o atormentam à noite, quando se deita em casa?

- Vinte e sete anos de cadeia não podem ser simplesmente apagados da consciência de ninguém. Mas tenho tarefas mais urgentes à frente do que me sentar à noite e me lamentar por todos esses anos. Se agisse assim, estaria dando a meus carcereiros uma vitória. Uma vitória que eles não conseguiram nem quando eu estava preso e incomunicável. Se eu for bem-sucedido, a prisão não terá sido em vão.

- O senhor acredita que negros devem apoiar o mesmo partido simplesmente porque são negros?

- Seria ridículo esperar que pessoas apóiem o mesmo partido porque têm a mesma cor de pele. No ANC, temos pessoas de várias raças, etnias e religiões. Quando se pensa que existem negros na África do Sul que apóiam o apartheid, pode-se dizer que eles estariam muito mais confortáveis em alguns dos partidos brancos. Só que, infelizmente, estes não aceitam negros.

- Nos últimos anos, mais negros do que brancos mataram negros na África do Sul. O senhor considera os conflitos tribais o maior obstáculo em sua campanha por uma sociedade pacífica em seu país?

- A violência infligida por negros a negros não é tribal. Eles não estão se matando pura e simplesmente por pertencerem a diferentes etnias. Esta é uma formulação racista estimulada pelo regime de Pretória com o objetivo de disfarçar seus crimes. O maior obstáculo para a paz é a existência de um regime que patrocina a violência, mente e divide para reinar.

- O que o senhor espera num futuro breve? Um governo de transição de que tipo?

- Queremos um governo interino de unidade nacional que administre a transição. Um governo como este tem que ser soberano. Tem que ser formado por todos os partidos políticos na África do Sul. Deve supervisionar a eleição, na qual todos tenham direito a voto, de uma Assembléia Constituinte, que deverá elaborar uma nova Constituição. Um governo que surja deste processo representará todos os sul-africanos.

O DIA - 08/08/91